

20 de janeiro de 2021

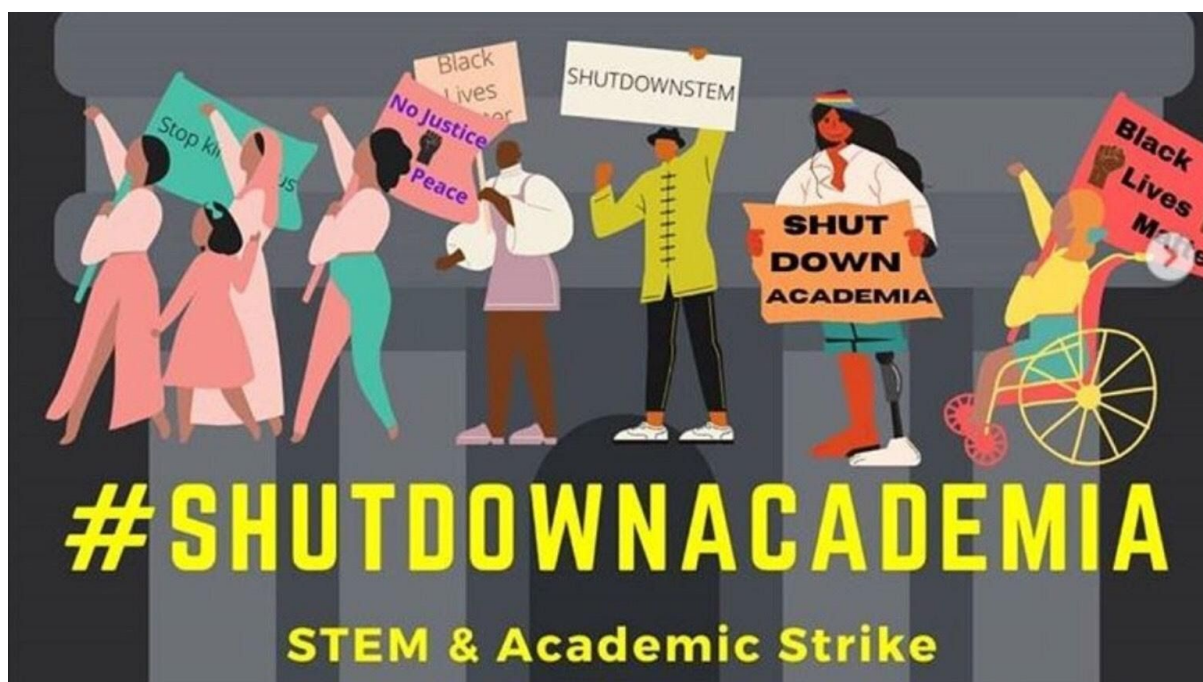
## Boletim n. 44 – A questão étnico-racial em tempos de crise

No Boletim n. 44, *Laura Moutinho (USP)* relata os desdobramentos no meio acadêmico estadunidense do movimento *Black Lives Matter*, através das *hashtags* criadas pelo *STEM*, sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática, que paralisou em junho de 2020 o mercado editorial acadêmico. A autora aponta que a discussão racial no meio científico reposiciona a ciência como entidade capaz de impactar nos debates travados na sociedade, produzindo novas subjetividades; e reforça a importância da interseccionalidade do debate racial às questões de gênero, uma vez que há no meio acadêmico a sub-representação das mulheres, especialmente, as não brancas.

---

### *#ShutDownAcademia*: o movimento antirracista no mercado editorial

Por Laura Moutinho



*Foto: Campanha do mercado editorial estadunidense: Researchers around the world prepare to #ShutDownSTEM and 'Strike For Black Lives', em junho de 2020. Disponível em: [www.shutdownstem.com](http://www.shutdownstem.com). Acesso em: 20/01/2021*

O mercado editorial estadunidense, que move milhões, parou por um dia no início de junho. O gesto de reflexão e autocrítica ecoava os impressionantes desdobramentos do *Black Lives Matter*, movimento que voltou a ganhar fôlego após George Floyd, um homem negro, ser assassinado por asfixia por dois policiais brancos em 25 de maio de 2020.

20 de janeiro de 2021

## Boletim n. 44 – A questão étnico-racial em tempos de crise

A revista *Nature*, que possui métricas impressionantes – resultado de uma estrutura iniciada em 1869 que a permite ter um volume por mês e um número por semana – publicou em seu editorial que iria aderir ao *#ShutDownAcademia* também identificado por *#ShutDownSTEM* e/ou *#Strike4BlackLives*. Essas são as *hashtags* criadas pelo STEM, sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática. A proposta do movimento era que todo o mercado editorial acadêmico interrompesse suas publicações por um dia para refletir e planejar ações antirracistas nesse âmbito.

O editorial da *Nature* explicita no título sua posição “*Note from the editors: Nature joins #ShutDownSTEM*”, seguindo um processo de revisão de seus padrões, que inclui o que se convencionou chamar de excelência acadêmica e mérito. A revista se reconhece como uma das instituições brancas produtoras de *bias* racial, responsável por injustiças e apagamentos que devem ser corrigidos. Explicitamente o editorial fala da necessidade de “amplificação de vozes marginalizadas”.

O subtítulo também chama atenção: “*We will delay publication of the journal, and spend the day planning how to help eradicate anti-Black racism in academia and STEM*”. O foco é o racismo sistêmico, especialmente contra os negros. Nem a linguagem da *Nature*, nem o *#shutdownstem* trazem uma narrativa interseccional. A iniciativa, entretanto, foi articulada com o *particles for Justice*<sup>1</sup> e *Vanguard STEM*<sup>2</sup>. A imagem que convocava a comunidade acadêmica à greve traz, por sua vez, uma predominância de mulheres negras e mestiças, entre as quais uma com os cabelos cobertos por véu, uma cadeirante e outra com perna mecânica<sup>3</sup>.

Na véspera da paralisação, mais de 5 mil cientistas já tinham aderido ao movimento, que incluiu gestos de solidariedade de associações científicas e a suspensão de aulas e reuniões. Em realidade, a *Nature* escreveu dois editoriais a respeito. Prometeu ainda produzir um dossiê, organizado por um editor convidado para discutir o racismo sistêmico nas pesquisas e nos processos de desenvolvimento de projetos científicos e nas publicações. Essa é uma iniciativa que inclui voltar o olhar para o que a própria revista tem feito no campo acadêmico.

Isso é muito. Isso é pouco. Esse é o receio do movimento: a ampla e impressionante mobilização pode não significar nada sem ações concretas. O *#ShutDownSTEM* sabe e convoca a academia (e não apenas a estadunidense) a trabalhar em termos de educação, ação e solução (*healing*) das desigualdades nesse campo (STEM), com foco especial na opressão estrutural. De fato, a revista vem produzindo artigos que refletem sobre racismo em diferentes áreas do conhecimento, outros sobre a

---

<sup>1</sup> Mais informações em: <https://www.particlesforjustice.org/>

<sup>2</sup> Mais informações em: <https://www.vanguardstem.com/>

<sup>3</sup> Sobre representações da deficiência na chave da diferença e interseccionalidade e na produção acadêmica, consultar Pedro Lopes (2020).

20 de janeiro de 2021

## Boletim n. 44 – A questão étnico-racial em tempos de crise

sub-representação das mulheres na ciência (especialmente as que não são brancas), bem como tem veiculado estudos sobre o efeito da pandemia do coronavírus na “população de cor” (*people of colour*).

Esse movimento de solidariedade e reflexividade destaca pontos que merecem nossa reflexão ao recolocar o papel da ciência na (e o que de fato esta vem fazendo para) a sociedade: pensamentos, palavras, pesquisas produzem novas formas de conhecimento, espalham-se na mídia de muitas maneiras, criam legislação, produzem novas subjetividades. Um dos questionamentos interessantes diz respeito ao que STEM vem produzindo. O movimento torna visível como isso afeta a população e vem também criando uma tecnologia que armou (*weaponized*) a sociedade contra a população negra.

A *American Anthropological Association* também aderiu ao *#ShutDownAcademia* *#ShutDownSTEM*. As intenções e o posicionamento público seguiram o que foi exposto anteriormente em relação a *Nature* e outras associações. Também a *triple-A* firmou compromisso público de rever suas estruturas de concepção e ação e promover maior equidades, inclusão, acessibilidade e diversidade<sup>4</sup>. Critérios de justiça (como equidade e acessibilidade) aparecem entrelaçados com formas de representação e ação (inclusão e diversidade) para os *BIPOC* (sigla em inglês para negros, indígenas e “pessoas de cor”).

As repercussões do *Black Lives Matter* são visíveis no Brasil. A ABA, a ANPOCS, a SBS, entre outras associações, têm promovidos reflexões e ampliado a participação de pessoas negras, indígenas e com deficiência em suas comissões, procurando mudar suas antigas estruturas de funcionamento. De diferentes modos, a acadêmica vem sendo pressionada a rever seus currículos e reconhecer injustiças, apagamentos e estruturas de privilégios. Há um visível reposicionamento de autores/as e uma tão fascinante quanto importante (re)construção de estruturas conceituais. Destaca-se o esforço de manejar uma epistemologia poética e articulada a uma escrita com os sentidos (Tosold, 2020; Pisani, 2020). Boa parte da academia brasileira está sendo incitada a reconhecer textos e autoras, mas também a redimensionar, como fez Zethu Matebeni (2017) em relação às ativistas lésbicas negras na África do Sul, o quanto essas pessoas deram de suas vidas à produção do conhecimento. Destacam-se no Brasil nesse processo o trabalho sobre as obras de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez<sup>5</sup>. A “sensibilidade pública elevada” da área de relações raciais ficou evidente em levantamento realizado recentemente (Barreto *et al* 2020). A antropologia tem um desafio particular nesse cenário, como tentei formular em reflexão anterior (Moutinho, 2014).

---

<sup>4</sup> Ver: <https://www.americananthro.org/shutdownsteam.aspx>

<sup>5</sup> Ver Rios e Lima (2020) e Ratts (2007)

20 de janeiro de 2021

## Boletim n. 44 – A questão étnico-racial em tempos de crise

E o que dizer do mercado de periódicos da área de ciências sociais nesse processo?<sup>6</sup> Primeiramente, é preciso refletir sobre sua estrutura. São periódicos mais jovens. A Revista de Antropologia/USP é a mais antiga da área<sup>7</sup>, tendo sido criada em 1953 (inicialmente como parte de duas associações científicas a ABA e a SBS). Além disso, a maioria dos periódicos de ciências sociais tem publicação semestral. As que possuem mais estrutura publicam de três números (Revista de Antropologia, Cadernos Pagu, RBCS, Mana, Horizontes Antropológicos, Anuário Antropológico) a quatro por ano (Revista Dados). Algumas adotaram recentemente, a partir da publicação continuada, um volume por ano (caso da Vibrant e da Revista de História/USP). Estrutura diferente tem, por exemplo, da Cadernos de Saúde Pública, que publica 12 números por ano e alguns suplementos eventualmente (em 2020 foram três nesse formato). A divulgação científica vem sendo incrementada. Mais recentemente, páginas foram e vêm sendo criadas no *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e falas relacionadas aos artigos e entrevistas têm sido amplificadas com *podcasts*, *lives* e *press release*, o que vem aumentando enormemente a divulgação dos artigos, resenhas e entrevistas publicados nesses periódicos.

Além do *Black Lives Matter*, episódios de crimes hediondos, como o assassinado de João Alberto Freitas, trouxeram a questão do racismo, em especial do racismo estrutural para a ordem do dia. Mas como lidar com o cotidiano do racismo? Se os periódicos estão seguindo processo similar ao estadunidense de reflexividade, procurando identificar seus papéis na (re)produção da desigualdade e do racismo e a repensar suas estruturas organizacionais, não sabemos ao certo. Isso não está documentado. Poder-se-ia dizer que a maior parte dos periódicos basicamente tenta sobreviver. O que isso tem a ver com a reprodução da desigualdade racial, que também se assenta no processo de (re)produção do conhecimento da área? Rigorosamente nada. Essa, que é uma verdade sobretudo depois dos cortes do CNPq às revistas científicas, não pode ocultar que também nossa produção se assenta numa desigual estrutura de gênero, região e raça que informa a estrutura, igualmente desigual, de reconhecimento acadêmico. Não se trata de dizer que esses marcadores sociais da diferença são importantes na construção da desigualdade. Trata-se de entender, em nível local e geopolítico, os mecanismos complexos que eles operam. O fato das autoras e autores do país privilegiarem em suas referências bibliográficas quem publica no hemisfério norte, é apenas o primeiro ponto de uma reflexão ampla que precisamos enfrentar.

---

<sup>6</sup> Ver também Moutinho *et al.* (2020)

<sup>7</sup> Peixoto e Simões (2003)

20 de janeiro de 2021

Boletim n. 44 – A questão étnico-racial em tempos de crise

*Laura Moutinho*, é professora Associada (Livre-Docente) do Departamento de Antropologia e do PPGAS, ambos da USP. É também bolsista Produtividade do CNPq.

Referências

BARRETO, Paula; RIOS, Flavia; NEVES, Paulo; SANTOS, Dyane. A produção das ciências sociais sobre as relações raciais no Brasil entre 2012 e 2019. In: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, v. 94, pp. 1-35, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-94>. Acesso em: 20/01/2021.

LOPES, Pedro. *Deficiência na cabeça: percursos entre diferença, síndrome de Down e a perspectiva antropológica*. 2020. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-30072020-125953/pt-br.php>. Acesso em: 20/01/2021.

MATEBENI, Zethu. 2017. Perspectivas do Sul sobre relações de gênero e sexualidades: uma intervenção *queer*. In: *Revista de Antropologia*, vol. 60, n. 3, pp. 26-44. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.141826>. Acesso em: 20/01/2021

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. In: *Cadernos Pagu*, n.42, pp. 201-248, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420201>. Acesso em: 20/01/2021.

MOUTINHO, Laura *et al.* Precisamos falar sobre racismo e desigualdade social na academia e no campo editorial brasileiros. *Revista de Antropologia* (São Paulo), v. 63, p. e174716, 2020. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.174716>.

PEIXOTO, Fernanda; SIMÕES, Júlio Assis. A Revista de Antropologia e as ciências sociais em São Paulo: notas sobre uma cena e alguns debates. In: *Revista de Antropologia*, v. 46, n.2, pp. 383-409, 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000200009](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000200009). Acesso em: 20/01/2021.

PISANI, Marília. Quando a filosofia se torna semente: viagem através de mundo artefactuais e (im)prováveis encontros. In: *Revista Ideação*, vol. 42, n. 1, pp. 197-232, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13102/ideac.vli42.5479>. Acesso em: 20/01/2021.

RATTS, Alecsandro. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2007.

RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo Afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

TOSOLD, Léa. Por uma vida sem barragens: corpos, território e o papel da autodeterminação na desnaturalização da violência. In: *Revista de Antropologia*, vol. 63, n. 3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2020.178182>. Acesso em: 20/01/2021.

20 de janeiro de 2021

## Boletim n. 44 – A questão étnico-racial em tempos de crise

---

Este texto é parte de uma série de boletins sequenciais sobre a questão étnico-racial em tempos de crise que será publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

